

Paris, nos primeiros dias do mês de Junho de 2010, um quarto de hotel a meio da tarde

Nunca pertenci àquela categoria de mulheres que afirmam que todos os quartos de hotel são parecidos. Que não passam de um único e mesmo espaço anónimo, sem estilo nem personalidade. Uma espécie de túnel frio, com um design uniforme, que oferece um conforto padrão até ao dia seguinte. Seguramente, essas mulheres não fizeram outra coisa a não ser dormir, entre dois comboios ou dois aviões, cansadas pela fadiga dos transportes. É preciso frequentar um quarto de hotel durante o dia, quando o resto do estabelecimento está vazio, ou quase, para apreciar o que ele tem de singular, de único. É preciso vibrar ali, fazer falar os sentidos, um por um, para experimentar os vestígios das pessoas que, antes de si, ali puderam rir, chorar, amar ou atingir o orgasmo. Nos últimos meses descobri que o que recebemos no hotel é mais do que trazemos para cá. Se não fizerem nada a não ser soçobrar no sono, no aborrecimento ou na melancolia, não captarão nada mais a não ser o reflexo da vossa própria tristeza ou

da vossa inação. E sairão de lá como entraram, infelizmente inalteradas.

No entanto, se nos dermos ao trabalho de escutar o que um quarto de hotel tem para nos dizer, ouvimos pelo contrário mil histórias, mil anedotas, mil suspiros aos quais ansiamos então por juntar os nossos. Por vezes, os mais curiosos até se sentem possuídos pelos ocupantes anteriores. Um perfume agarrado aos cortinados ou à colcha. Uma pequena mancha que sobreviveu. As manchas de um espelho que desenham uma sombra, quase uma silhueta. Estes pormenores entram em vós, infundem-se e incitam-vos a viver a história que vos espera.

É o que me preparo para fazer em seguida, nua, com os pulsos amarrados na cabeceira da cama. Escrever as páginas novas de um relato iniciado muito antes deste dia, muito antes de mim. Como a maior parte dos quartos do Hotel dos Encantos, o Josefina dispõe de um espelho enorme no tecto. Assim, enquanto espero que as coisas sérias comecem, tenho todo o vagar para me contemplar. Eu, Annabelle Barlet, nascida Lorand, 23 anos, casada há quase um ano, pronta para me entregar sem reservas ao homem que se prepara na casa de banho contígua. Quem será? Ainda não sei nada sobre ele. A única certeza que tenho é que não é o meu marido. Se fosse ele, estaríamos aqui? Francamente, estaríamos a fazer isto?

Chamam-me Elle. Desde sempre e em todas as circunstâncias. Sem dúvida porque Belle teria sido um fardo demasiado grande para carregar. Mas acreditem que Elle é ainda pior. Elle, como se fosse resumir apenas em mim todas as mulheres! Concentrar em mim todos os seus encantos. Cristalizar todos os seus desejos. Fundir em mim todas as fantasias, estas naturezas brutas de que são feitos os homens.

Quando a porta da casa de banho chia por fim, solto vários gritinhos de surpresa, curtos. Talvez um pouco agu-

dos de mais. Sem dúvida, eu tinha acabado por acreditar que a sua presença não passava de um sonho. O desconhecido pára, hesita em aproximar-se. Imagino a sua mão crispada na maçaneta, a respiração suspensa.

— Senhora? Sr.^a Barlet, está tudo do seu agrado?

A voz que se ouve não é a dele. Vem do corredor. Nos bastidores, preocupam-se comigo. Cuidam de tudo para que eu esteja satisfeita. A senhora é uma cliente habitual. A senhora é uma privilegiada nestes meios. O meu homem deu-lhes instruções. Ele é do tipo que escutam aqui, que escutam e obedecem.

— Sim, Sr. Jacques... Não se preocupe, está tudo bem.

Não fui tratada com tanta deferência a primeira vez que fiquei neste quarto, há um ano. Também não estava tão segura de mim. Os grandes espelhos devolviam-me uma imagem completamente diferente. Eu já tinha as mesmas formas pesadas, a mesma redondeza à laia de promessa. Mas ainda ignorava o poder delas, e ainda mais como poderia usá-las. Eu não desfrutava do outro, e ainda menos de ser eu.

Que é que te dá prazer, Elle?

Hein, que é que te dá prazer?

*Será que só eu sei? Afinal, qual é o truque capaz
de me fazer derreter o fundo do ventre?*

*De me dissolver sem mesmo me tocar, apenas com
o pensamento? O corpo de um homem nu? O seu cheiro?*

A visão de um sexo anónimo, erecto para mim?

Contra mim? Em mim...

(Nota manuscrita em 05/06/2010, redigida pelo meu próprio punho)

Não, há um ano eu não sabia que cada quarto é uma bolha de amor onde cada mulher incuba e aprende por fim a ser ela própria. Eu não estava amarrada como estou neste momento e no entanto estava muito mais prisioneira do que sou agora.

Hoje, não se enganem, sou eu a amante, e não apenas deste homem que treme atrás da porta. A minha entrega é total, mas nunca ao ponto de não estar em condições de controlar o curso dos acontecimentos.

Há um ano, eu ainda era apenas eu, Elle. Todas as mulheres menos ela própria. Toda a mulher que eu ainda tinha de fazer nascer...

Capítulo 1

Um ano antes, 3 de Junho de 2009, no mesmo quarto de hotel

Nesse dia eu tinha os movimentos livres, enroscada nos lençóis desfeitos do Josefina. Livre, e no entanto tão acanhada. Só conhecia o homem que ia partilhar a minha cama há três horas, quatro no máximo. Escusado será dizer que não sabia muito sobre ele a não ser o seu estado civil, o tamanho da sua carteira — e em breve mais uma coisa. Durante o serão que tinha precedido este preciso momento, eu não tinha escutado uma única palavra da conversa dele com os nossos companheiros de mesa. Só participara com sorrisos e dóceis acenos de cabeça. Um belo adereço, como se esperava de mim. Que é que ele fazia na vida ao certo? Banca? Importação-exportação? Ou seria eleito por algum lado, presidente honorário de alguma coisa? Em todo o caso, era bastante importante para impor respeito — e por vezes até o silêncio — dos outros convivas.

— Tens alguma preferência pela posição? — perguntou-me ele enquanto me ajudava a despertar o vestido branco leve, com fecho nas costas.

Engraçado: há apenas alguns minutos, inclinados sobre o nosso prato de *foie gras* escalfado com mirtilos, tratávamos-nos por você. Transposta a porta do quarto ele tinha passado imediatamente para o «tu», intimidade enganadora dos corpos que se desnudam demasiado depressa.

— Como? — engasguei-me entre dois goles de água com gás.

Jamais um ser a vibrar por vós com um desejo sincero, de quem esperam febrilmente galanteios, se preocuparia com aquelas considerações técnicas. O vosso corpo, com a sua entrega, dar-lhe-ia a resposta. Não seria necessária qualquer palavra. Tudo seria apenas música, e a harmonia dos vossos sentidos seria o sinal.

— Quero dizer... Há posições que sejam um problema para ti? Coisas que não fazes?

Eu virei-me e observei-o mais atentamente do que até então. Ele era um tipo bastante atraente, um quadragenário ligeiramente grisalho, do tipo atlético, sem dúvida muito desportivo, e provavelmente era por isso que eu estava naquele quarto. Sem isso, eu nunca teria considerado a possibilidade de terminar desta forma o enfadonho jantar que acabávamos de aguentar. Teria recorrido à opção básica. No entanto, era apenas a terceira vez que eu aceitava «continuar» assim, segundo a expressão consagrada. Feitas as contas, em oito meses de actividade era muito pouco.

Esta falta de jeito, esta forma fria de me consultar sobre as minhas preferências, fez-me adivinhar que ele não tinha mais experiência do que eu. Talvez eu fosse a sua primeira acompanhante. Contive-me e não lhe perguntei, para não dissipar este resto de mistério que persistia entre nós.

— Não... não especialmente — menti com um sorriso que esperava ser sedutor.

— Está bem... — aprovou ele com um aceno, visivelmente tranquilizado. — É preferível saber antes de começar.

Eu tinha a cabeça muito longe...

A canzana incomoda-me porque é animalesca.

*E por esse motivo só posso praticá-la
com homens que conheço.*

*A canzana faz-me gozar mais que as outras posições...
precisamente porque é animalesca!*

*E por esse motivo sonho praticá-la com um desconhecido,
de preferência com o rosto escondido atrás
de uma máscara.*

(Nota anónima manuscrita em 03/06/2009,
introduzida na minha caixa do correio, sem eu saber)

Pensei nos bilhetes que começara a receber há algumas semanas, desde que tinha encontrado na minha bolsa um pequeno caderno de espiral com capa prateada, um caderno virgem e que uma mão anónima tinha depositado nela aproveitando uma confusão no metro. Colado no interior, o bilhete enigmático e com uma caligrafia desconhecida devia ter-me alertado:

Um estudo estabeleceu que os homens pensam em sexo cerca de 19 vezes por dia. As mulheres, não mais de 10. E você, quantas vezes se deixa invadir diariamente por este género de pensamentos?

Passaram-se vários dias até que descobri, enfiada na minha caixa do correio, sem selo nem franquia, uma folha solta perfurada cujos furos correspondiam aos anéis metálicos do meu caderno. O autor sentia um prazer evidente em imaginar quais podiam ser as minhas fantasias. Tinha escrito na primeira pessoa, como se fosse eu.

Estive quase a deitar a página manuscrita para o lixo sem a ler. Até pensei apresentar queixa na polícia por assédio.

Mas a minha curiosidade de estudante de jornalismo levou a melhor e eu guardei cuidadosamente a folha na minha pasta em miniatura, sem desconfiar ainda que seria a primeira de uma longa série. Pois a mão sem rosto não pararia por ali... Oh, não.

— Não me oponho a nada — acabei por responder ao meu cliente.

Afinal, ele não era pior que o pequeno punhado de homens que eu tinha deixado possuir-me depois de alguns serões demasiado regados ou vários restaurantes medíocres. E se pensasse na minha primeira vez nos braços de Fred, a minha história mais séria até este dia, era preciso reconhecer que tinha uma grande falta de encanto. Pensando bem, na noite em que acabámos por fazer amor eu cedi porque se proporcionou, porque o curso natural do serão o exigia... não por verdadeira vontade. Então, qual era o problema de aproveitar hoje a totalidade de uma discreta transacção comercial? Eu não valia mais que metade de uma *pizza* e dois copos de vinho tinto?

Pelo menos este era rico, educado, um belo homem e, ainda por cima, elegante no seu casaco com dois botões feito por medida, em que era visível o requinte dos acabamentos, o forro de seda fúcsia e os pespontos a condizer nas botoeiras. Graças a ele, eu ia ganhar mais numa noite do que alguma vez ganharia numa semana de biscates na indústria alimentar, na caixa de um restaurante de *fast food* ou outra coisa do género.

Resumindo, eu motivava-me como podia. O champanhe que tínhamos bebido ao serão começava a dissipar-se e eu precisava de lastro, de uma outra efervescência para além das bolhas desaparecidas da minha taça.

Apesar da carta branca que eu acabava de lhe dar, o senhor-por-medida, devidamente forrado com látex, pene-

trou-me sem preliminares, ou quase, e, sobretudo, sem uma única palavra, numa posição de missionário ofegante. A ausência de habilidade que as pessoas supostamente bem educadas têm para fazer sexo é uma coisa que nunca deixará de me surpreender. Provavelmente, é a única aprendizagem que não se ensina, para a qual não existe nem curso particular nem explicador.

— Está tudo bem? Não estou a magoar-te?

Não, nem a magoar nem nada mais. Estranha ausência de sensações. Toda a parte de baixo do meu corpo parecia anestesiada. Eu sabia que era um problema meu, do meu sexo, de uma penetração, de um divertimento que não podia ser mais real mas em que eu não conseguia sentir-me envolvida. No entanto, com as mãos pousadas nas nádegas dele, acompanhei o seu vai-e-vem dentro de mim com doçura.

— Está tudo bem — esforcei-me por encorajá-lo.

A minha própria inexperiência impedia as iniciativas que ele devia esperar legitimamente de mim. Devia suspirar, arquejar, murmurar-lhe exortações obscenas ao ouvido? Até que ponto é que eu devia fingir? Isso fazia parte da prestação?

— E para ti, está bom?

Foi tudo o que me ocorreu naquele momento. Eu sei que foi muito fraco. Ele limitou-se a arfar um sim que prefigurava um fim próximo. Então, preocupado em rentabilizar este momento precioso, como homem de negócios sensato, imobilizou-se uns 15 segundos e depois voltou à carga, tão regular como um metrónomo suíço.

Apesar de estar um pouco ausente, não senti nem constrangimento, nem repulsa, e muito menos cólera. A mão que passava nas costas dele, acariciando lentamente toda a superfície, desde a espinha dorsal até à zona lombar, estava cheia de boa vontade, de desejo de lhe dar prazer. Aceitei como prova da sua satisfação os gemidos que se foram intensificando. Francamente, esta relação não era pior que muitos

exercícios de ginástica horizontal que já tinha feito. E depois, vejam, o interesse de um coito sem paixão é que nos dá tempo para apreciar a decoração. A dos quartos do Hotel dos Encantos merecia que lhe dedicássemos algum tempo. Para além do enorme espelho preso no tecto, uma das raras concessões do estabelecimento às exigências da nossa época, todo o resto da disposição apresentava-se aqui como uma réplica fiel do quarto ocupado pela Sr.^a de Beauharnais, esposa de Bonaparte, no seu castelo de Malmaison. O conjunto do quarto circular parecia a mais luxuosa das tendas de campanha, sustentada por uma série de finos pilares dourados ligados entre si a toda a volta por grandes tapeçarias vermelhas, às quais o drapeado antigo conferia um volume e um movimento extremamente graciosos. A vasta cama de dossel, com uma águia com as asas abertas, pronta para levantar voo, estava bordada na cabeceira com dois cisnes dourados e nos pés com duas cornucópias. Todo o resto do mobiliário, incluindo as poltronas e uma espreguiçadeira comprida dispostas na outra extremidade do quarto, recuperavam os tons dominantes, ouro e sangue, bem como os motivos florais já presentes no forro e nas colunas laterais do *sommier*.

A ilusão era perfeita e não era preciso forçar a imaginação para recuar dois séculos. Napoleão atacaria a sua Josefina com esta mesma precisão mecânica ou, pelo contrário, variaria o ritmo? Eu estava distraída nas minhas adivinhações estéticas, ou sexo-históricas, quando o senhor-por-medida me mimoseou com um último golpe de ancas e um arquejo conclusivo. Não tinha demorado mais de três ou quatro minutos, talvez impressionado com a majestade do lugar ou, muito simplesmente, enfartado com a refeição, enfraquecido pelo álcool.

Logo que se veio rebolou para o lado, com o flanco quase a tocar o meu, e fez um pequeno elogio, cheio de gratidão pós-orgástica:

— Sabes... és muito bonita.

— Obrigada.

Que outra coisa podemos responder, principalmente quando estamos convencidas do contrário? Aquela que eu via no tecto não me agradava. Nunca tinha agradado. E eu sabia que este tipo de sessões não me reconciliaria tão cedo com ela. Demasiado redonda, demasiado isto, demasiado aquilo. Eu era assim mesmo, mais uma jovem bronca que uma mulher fatal. Numa palavra, irremediavelmente, imperfeita.

— Não me agradam as raparigas magras — confiou-me ele. — Tenho medo de parti-las... e também de me picar nos ossos delas.

Uma maneira de dizer que as minhas curvas não lhe tinham desagradado. Pelo menos um de nós estava contente com a ementa que eu estava em condições de oferecer. Abundância em todos os níveis. E nada de ângulos salientes. Parecia que, por enquanto, ele estava saciado.

Peguei no pequeno maço de notas que ele deixou na mesinha de centro em acaju, verificando o valor com um olhar, e aproveitei o momento em que ele foi à casa de banho para desaparecer do quarto, tão muda como os fantasmas que o habitavam. Que poderia ter-lhe dito que não soasse a mentira ou a promessa falaciosa: «Foi mesmo fantástico»? «Muito obrigada»? «Até breve, espero»?

Calcei-me no patamar, com as plantas dos pés acariciadas pela suavidade da alcatifa alta, e segui sem demora para o átrio onde se situava a recepção. Ali, atrás do seu balcão brilhante, o Sr. Jacques fez-me um pequeno sinal discreto, não obstante um convite explícito para que eu me aproximasse.

— Correu tudo bem, Menina?

— Sim, sim — disse eu em voz baixa. — Muito bem.

O porteiro do Hotel dos Encantos inspirava respeito, com a sua libré cintada de lacaio do Grande Século com pasamanaria às riscas douradas e prateadas. Mas, ainda mais

que o fato, era a sua aparência física que me impressionava: o homem idoso não tinha um único pêlo em toda a superfície da cabeça, nem cabelos, nem bigode, nem barba, nem sobrancelhas. Nem sequer pestanas para orlar os enormes olhos azuis, ligeiramente esbugalhados. Era impossível ser mais imberbe que aquele homem. Ou ter uma pele mais branca.

Surpreendentemente, a minha mãe não tinha perdido os cabelos grisalhos apesar das sessões de quimioterapia. Os últimos seis meses de tratamento tinham abalado os músculos e o seu tônus, mas não o crânio, sempre coberto. Maude Lorand resistia. Persistia como sempre tinha feito, com coragem e humildade, sem uma palavra a mais e sem qualquer queixa. Os seus pulmões estavam a desfazer-se, mas a sua dignidade não mexera nem um centímetro. Uma estátua de bronze entre as cinzas.

— Acha que vai precisar de um quarto nos próximos dias? Talvez até amanhã?

— Ainda não sei. De qualquer maneira, se precisar... será certamente a última vez.

Ele não pareceu surpreendido ao ouvir esta declaração categórica. Pareceu quase feliz, como indicou sem ambiguidade o seu sorriso aberto. O Sr. Jacques só queria o meu bem. Digamos antes — parecera-me em cada um dos nossos raros encontros — que ele via o bem em mim. Que, apesar das aparências e das razões objectivas da minha presença no seu estabelecimento, ele percebia o que eu podia fazer de bom, ou melhor. Alguns segundos do seu olhar pousado em mim bastavam para me animar.

Mas nessa noite não me demorei nesta fonte salutar. Ele sorria-me sempre enquanto eu já estava lá fora, aspirada pela noite doce e ainda jovem.